Análise do Jogo Brasil 1-1 Suíça

Seleção brasileira estreou na Copa do Mundo 2018 com um empate em 1 a 1 contra a Suíça, em partida disputada na Rostov Arena

https://vimeo.com/275731829

Confira a análise dos gols da partida (o vídeo acima contém imagens da emissora Mediaset e FIFA).

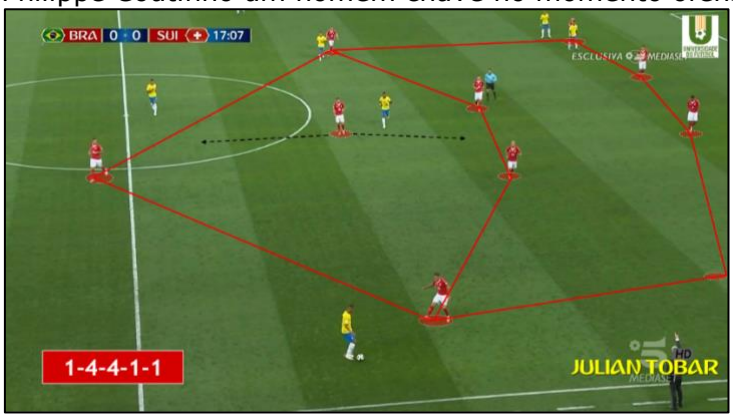
A organização, competitividade e a boa qualidade do adversário, aliado à ansiedade e ao nervosismo gerado pela estreia e necessidade de vencer, fizeram com que a seleção não conseguisse repetir as últimas atuações e o padrão de jogo que estamos acostumados a ver na era Tite.

Não foi o jogo de largos períodos de posse de bola, do famoso "perde-pressiona" (uma consequência natural do aspecto anterior) que na maioria das vezes produz a rápida retomada da bola e a continuidade do ataque anterior, nem foi o jogo em que só o Brasil jogou e não deixou a Suíça jogar.

Ainda assim, a seleção mereceu a vitória. Defensivamente sofreu pouquíssimo e ofensivamente criou muitas chances de gol, tanto na bola parada (que voltou a funcionar), como com a bola rolando, mas falhou na hora de converter.

A equipe treinada por Tite alinhou no já esperado 1-4-3-3, com Philippe Coutinho iniciando no meio-campo ao invés de Fernandinho, deixando a seleção mais leve, imprevisível e criativa, dando mobilidade, 1x1 ofensivo e chegadas à área.

Diante de uma Suíça bem organizada defensivamente e postada no 1-4-4-1-1, o Brasil teve em Philippe Coutinho um homem chave no momento ofensivo.



A organização defensiva da seleção suíça no 1-4-4-1-1 permitiu que o inteligente meia-ofensivo Dzemaili fizesse a leitura das situações e mantivesse a ocupação do espaço central (tal como na imagem) ou alternasse entre um 5º jogador na linha do meio campo e um 2º jogador na linha da frente, conforme a necessidade

Mecanismos Ofensivos:

Um dos aspectos determinantes para que, especialmente no primeiro tempo, o Brasil tivesse uma boa saída de bola e assim conseguisse criar situações de gol, foi a movimentação de Philippe Coutinho, combinada com a de Marcelo.

Com a marcação da Suíça preenchendo bem os espaços e cortando linhas de passe entre seus setores, Coutinho abandonava sua posição avançada e baixava para pedir a bola. Este movimento não era acompanhado nem por Behrami que não desprotegia seu setor, nem por Shaqiri -que atraído pela subida do Marcelo ficava na dúvida, se saia para pressionar Coutinho (e deixava Marcelo livre) ou se mantinha a vigilância sob Marcelo, que caia pelo seu setor.

Desta maneira, Coutinho descia sozinho e passou a ser o homem livre, como mostra o vídeo abaixo:

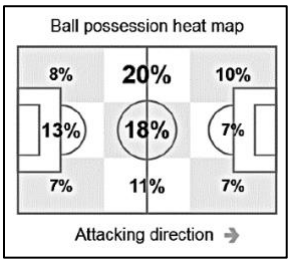
https://vimeo.com/275753876

Influência de Philippe Coutinho na origem dos ataques (o vídeo acima contém imagens da emissora Mediaset e FIFA).

Ao receber a bola com liberdade, Coutinho ficava de frente para o jogo e progredia com a bola, fazendo com que o Brasil se instalasse no campo adversário e conseguisse criar chances de gol, com boas trocas de passe e triangulações, especialmente pelo lado esquerdo, com Coutinho, Marcelo e Neymar e, algumas inversões para a direita.

Miranda para Marcelo	26
Marcelo para Neymar	19
Coutinho para Neymar	19
Danilo para Willian	18
Thiago Silva para Danilo	18
Coutinho para Marcelo	18
Marcelo para Miranda	16
Marcelo para Coutinho	16

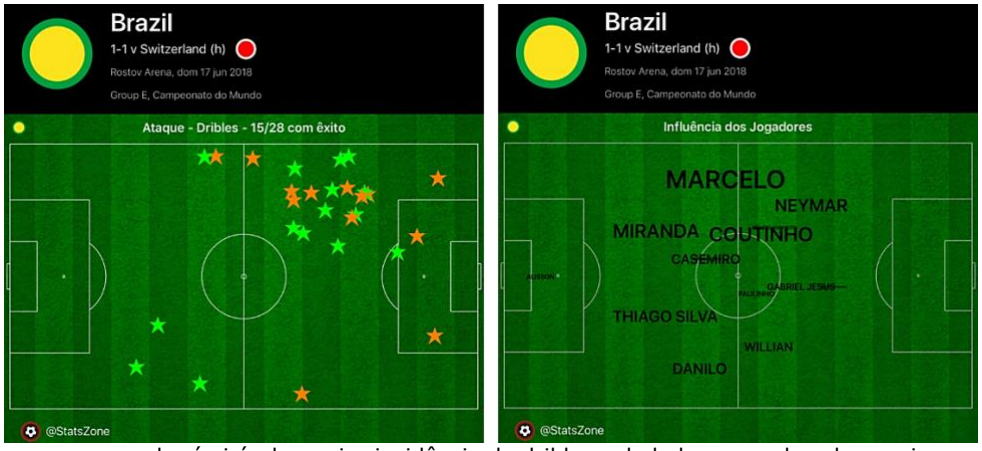
Pelo número de passes trocados entre apenas dois jogadores, vemos que a maioria das ações/combinações ofensivas do Brasil ocorreram pelo lado esquerdo, envolvendo a participação de Miranda, Marcelo, Coutinho e Neymar. Fonte: Opta / Stats Zone.



O mapa de calor da posse de bola é outro parâmetro que demonstra a maior utilização do lado esquerdo sobre o meio e o direito, nas jogadas ofensivas. Fonte: FIFA.

Assim, o lado direito com Willian e Danilo foi menos acionado, algo que para o Brasil foi ruim. Primeiro porque Willian protagonizou bons lances quando esteve com a bola no pé, e segundo porque as trocas de lado normalmente proporcionam mais espaços para atacar, além de ser um ótimo mecanismo para baixar o ritmo, ocupar o campo adversário e trabalhar a bola com mais paciência e organização, desorganizando o adversário -e com isso- estabelecer domínio e prevenir contra-ataques, algo fundamental em função da ideia de jogo de Tite.

Nas poucas vezes em que o Brasil atraiu o adversário para um lado e virou para o outro, gerou perigo à Suíça. O primeiro gol, inclusive, nasce a partir de uma troca de lado - num dos pouquíssimos ataques iniciados pelo lado direito, na primeira etapa.



Na imagem a esquerda, é visível a maior incidência de dribles pelo lado esquerdo sobre meio e o direito, nas jogadas de ataque. Pode ser explicado em função das características dos jogadores: Willian, Danilo e Paulinho são mais objetivos e tem menos qualidade técnica, habilidade e improviso do que Marcelo, Coutinho e Neymar. A imagem da direita indica que claramente o trio ofensivo do lado esquerdo teve mais influência no desenvolvimento das interações. Fonte: Opta / Stats Zone.

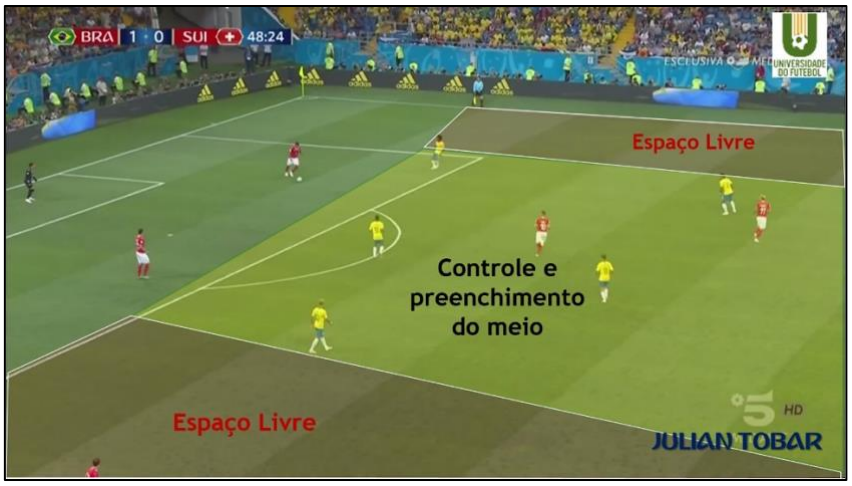
Criação de Oportunidades:
Mais uma vez o Brasil manteve um alto volume de chances reais de gol, tanto com a bola rolando como na bola parada. Vários jogadores finalizaram, mas neste jogo, tivemos um aproveitamento ruim. De 21 chutes, apenas 5 acertaram o gol.

Vale a pena mencionar a boa organização defensiva e a rápida e agressiva reação pós-perda da Suíça. Marcaram de maneira organizada, solidária, agressiva e com boa pressão na bola. Alternaram entre o bloco alto e o bloco médio/baixo, sempre com boa qualidade. Contra o Brasil é normal que se sofra defensivamente e se conceda chances de gol, mas a Suíça esteve bem, parando Neymar na maioria das vezes e não proporcionando quase nenhuma finalização "limpa" contra o seu gol.

https://vimeo.com/275743322
Confira as melhores chances de gol de Brasil 1x1 Suíça (o vídeo acima contém imagens da emissora Mediaset e FIFA).

Momento Defensivo:
Sem bola, o Brasil pouco sofreu. Mais uma vez, a equipe de Tite concedeu raríssimas chances de gol ao adversário (apenas 6 finalizações, sendo 2, -sem perigo-, no alvo). A entrada da área sempre esteve bem protegida (tanto em defesa organizada como em transição defensiva), com Alisson realizando apenas uma defesa durante todo o jogo.

Como nos últimos jogos, o Brasil tentou sufocar a saída de bola do adversário nos tiros de meta e arremessos laterais, sendo que após sofrer o empate passou a subir a marcação também com a bola em movimento.



Dinâmica de pressão alta, em tiros de meta, dos últimos jogos se repetiu: Os extremos pressionam os zagueiros, meias controlam o espaço interior, G. Jesus pressiona volante, goleiro ou zagueiro (dependendo das circunstâncias do lance), deixando os laterais adversários livres, num primeiro momento.

Nos momentos em que defendeu no bloco médio, o Brasil apresentou pouca agressividade na marcação. A seleção deu tempo, espaço e conforto para os zagueiros e volantes da Suíça armarem os ataques. O sistema utilizado para defender foi o 1-4-4-2, marcado pelo posicionamento e o pouco, ou quase nenhum compromisso defensivo do Neymar, que não se posicionou como um extremo convencional, ficando mais à frente da linha dos meias e por dentro.

Esse posicionamento gerou: liberdade e espaços para a Suíça explorar pelo lado do campo (algo que não aconteceu); maior proximidade do Neymar em relação ao gol adversário no momento do contra-ataque e a recuperação das energias do atacante brasileiro, que fez seu primeiro jogo completo desde sua lesão há mais de 3 meses.

Confronto de estruturas, quando a bola estava com a Suíça. Na imagem, utilizando o 1-4-2-3-1, com o Brasil em "1-4-4-2".

Embora não tenha concedido chances de gol, a Suíça conseguiu manter a posse de bola, fazendo o Brasil marcar por mais tempo do que está habituado, roubar menos bolas e, por consequência, não conseguir contra-atacar com qualidade. Mérito do adversário, que teve boa mobilidade, criação de linhas de passe e jogo coletivo, a partir de uma estrutura de jogo em 1-4-2-3-1 e uma saída alternativa, com a descida do Behrami para próximo da zaga, formando um 1-3-4-3.

Confronto de estruturas, quando a bola estava com a Suíça. Na imagem, utilizando a estrutura alternativa 1-3-4-3, com o Brasil variando entre o 1-4-3-3 com a subida de Paulinho para tirar o conforto desta saída (principalmente no 2º tempo) e o "1-4-4-2", quando Paulinho mantinha posicionamento atrás.

No que se refere à contra-ataques, a Suíça explorou mais o lado esquerdo do Brasil se aproveitando da subida do Marcelo para apoiar e da pouca capacidade física para recompor rapidamente do Philippe Coutinho. Casemiro, enquanto esteve em campo "carregou o piano" e conseguiu cobrir e conter com mais qualidade do que Fernandinho. Mesmo a bola entrando algumas vezes no lado, não se traduziu em perigo real de gol para o Brasil.

Fator emocional após sofrer o empate:
Neste jogo o Brasil se viu sob uma forte pressão emocional. Com o jogo controlado e o resultado a favor, o gol sofrido de escanteio, num lance que gerou muitas reclamações, trouxe nervosismo à seleção e fez a Suíça crescer no jogo e aumentar sua confiança.

Passados 10 minutos do empate, o Brasil conseguiu reequilibrar, mas a ansiedade e a pressa dos jogadores para alcançar o resultado fez com que o jogo ficasse excessivamente vertical e menos coletivo, gerando várias perdas de bola, e isso é tudo o que o Brasil sob o comando de Tite tem evitado: perder o controle da bola e entrar num jogo excessivo de transições.

Assim, até o fim do jogo, o Brasil esteve nervoso, o que por momentos influenciou diretamente no desempenho, trazendo imprecisão nos últimos e penúltimos movimentos e, até mesmo em passes simples que não costumam errar.

Mesmo sob esse contexto emocional negativo, um ponto positivo foi que mesmo descuidando da posse da bola, a seleção raramente esteve desequilibrada a ponto de sofrer uma chance de gol. Entrada da área protegida e recomposição veloz. Além disso, no segundo tempo a seleção passou a atacar mais pelo lado direito, seguiu sendo superior e criou várias chances reais de gol (5 nos últimos 10 minutos de jogo).

Substituições:
Das substituições que Tite promoveu, a de Casemiro foi para evitar sua expulsão. Fernandinho manteve o nível das suas boas atuações, mas Casemiro vive um excelente momento e se encaixa melhor dentro da ideia de jogo, especialmente pela sua capacidade de cobrir espaços (principalmente os deixados no lado esquerdo), seu vigor, preenchimento e desarmes, que normalmente permitem o Brasil recuperar a bola rápido e seguir atacando.

Renato Augusto entrou no lugar de Paulinho, que não fez uma boa partida. Talvez Tite tenha pensado em Renato para cadenciar e baixar o ritmo do jogo, que estava

pouco controlado, muito vertical, gerando perdas de bola. Além disso é um jogador com qualidade de passe e visão de jogo. Prova disso foi a excelente assistência que deu para Jesus, no lance em que a seleção reclamou pênalti.

Firmino entrou no lugar de Gabriel Jesus, que fez um jogo muito abaixo do esperado. Nos 15 minutos em que esteve em campo conseguiu produzir mais do que Jesus em todo o jogo, finalizando com muito perigo em duas ocasiões.

Atuações Individuais Positivas:
Miranda – Ótima atuação tanto ofensiva como defensivamente. Deu segurança e confiança na saída de bola. Excelente imposição e vitória pessoal nos duelos defensivos. Levou perigo ao gol adversário nas bolas paradas. Seu único erro no jogo influenciou diretamente no gol sofrido pela seleção.

Thiago Silva – Boa atuação tanto ofensiva como defensivamente. Tal como Miranda, deu segurança na saída de bola e teve vitória pessoal nos lances defensivos. Levou perigo ao gol adversário nas bolas paradas. Seu único erro no jogo influenciou diretamente no gol sofrido pela seleção onde poderia ter assumido a marcação pois estava de frente para o lance.

Marcelo – Ótima atuação tanto ofensiva como defensivamente. Qualidade habitual no apoio e na criação de situações no campo ofensivo. Defensivamente ajudou a equipe na marcação e se esforçou na recomposição, mesmo estando bastante avançado.

Casemiro – Excelente atuação. Determinante na boa cobertura e sustentação defensiva das subidas de Marcelo, Neymar e Coutinho, conseguiu desarmar o adversário e vencer todos os seus duelos defensivos. Além disso, deu bons passes (completou 37 de 40) e arriscou um chute de fora da área. Foi substituído por ter recebido cartão amarelo na única falta que cometeu durante todo o jogo.

Philippe Coutinho – Melhor jogador em campo. Ofensivamente foi peça fundamental na construção do processo ofensivo brasileiro. Deu bons passes (90% de aproveitamento), ofereceu linhas de passe, finalizou, ocupou espaços e marcou o único gol do Brasil. Defensivamente se doou e ajudou na marcação.

Neymar – Dentro das limitações e oscilações esperadas para um jogador que volta após 3 meses de inatividade, teve uma boa atuação. Mesmo tendo sido bem marcado (7 vezes desarmado e 10 faltas sofridas), chamou o jogo e mostrou sua habitual qualidade. Faltou o gol, mas criou situações para os outros (86,5% no aproveitamento de passe) e para si, esteve no lugar certo errando a pontaria nas oportunidades que teve. Seu aspecto negativo foi a baixa participação no momento defensivo e o excesso de individualismo demonstrados em alguns lances durante o jogo.

Atuações Individuais Negativas:
Paulinho – Talvez sua pior atuação com a camisa da seleção. Não esteve bem. Embora tenha acertado 25 dos 27 passes que tentou, perdeu uma chance de gol que não costuma errar. Defensivamente não sustentou, não desarmou e nem interceptou nenhuma bola.

Gabriel Jesus – Atuação muito abaixo da sua média. Pouca vitória pessoal no jogo. Apenas uma finalização (de cabeça, para fora, a partir de um escanteio). Acertou 12 de 20 passes tentados e apenas 2 dribles de 6 tentados. Como ponto positivo

conseguiu recuperar 5 bolas. Muito pouco para o que se esperava de Gabriel, tendo em consideração suas exibições anteriores.